

# B Ideias & Livros

TEORIA

## Ainda é tempo de Lukács

'Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967' prova a atualidade do filósofo húngaro

Eduardo Guerreiro Brito Losso

Apesar de Gyorgy Lukács ter sido uma influência profícua para a crítica no Brasil, apesar de seu aparato teórico e analítico ter proporcionado, de Antonio Candido a Roberto Schwarz, preciosos frutos para a relação entre sociedade e literatura e contribuído, até mesmo por meio de discordâncias e deslocamentos, para a vertente mais consistente e original da crítica literária brasileira, apesar disso é forçoso atestar que ele ainda é bem menos conhecido e estudado do que se deveria.

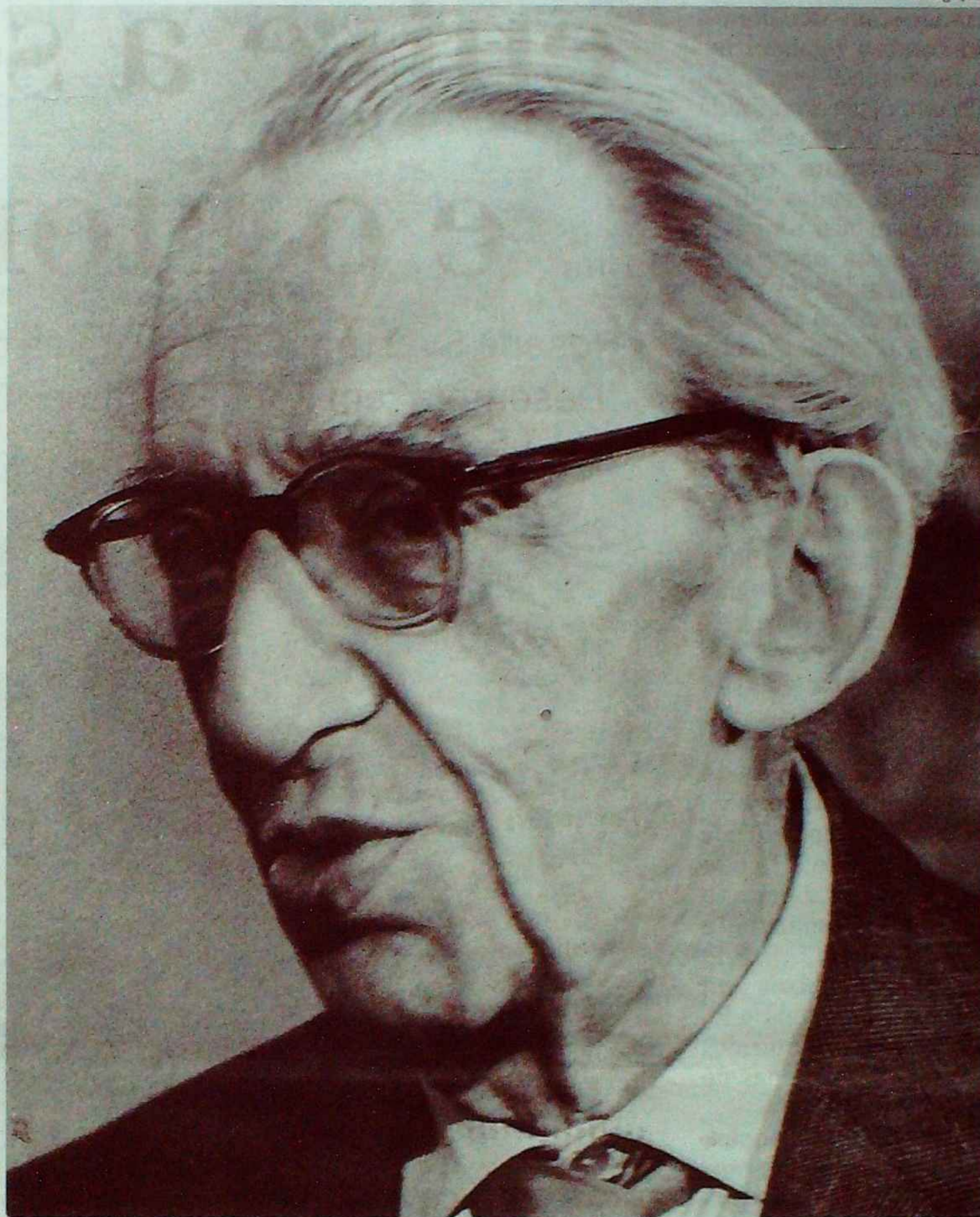
### Repulsa natural

O motivo principal da natural repulsa ao maior filósofo do Leste Europeu nos anos da Guerra Fria é o de que ele estaria supostamente ultrapassado. Sem dúvida, há muitos erros a meu ver imperdoáveis, principalmente em sua fase posterior: a adesão teórica ao stalinismo, a recusa das rupturas formais do modernismo, a crença num progresso escatológico da consciência proletária e a fixação de um ponto de vista "científico" do materialismo dialético. Demasiados problemas de ordem epistemológica e política, nos quais ele investiu tanto, não parecem deixar sobrar algo que preste.

Porém, a publicação de *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*, reunião de ensaios sobre estética e teoria da literatura da fase mais problemática, dos anos 30 em diante, vai na contramão do que Schwarz chamou, no Brasil, de "um esforço de atualização e desprovincialização" que termina por seguir as últimas modas sem dar a elas uma marca própria nem torná-las produtivas para pensar suas próprias questões, ao preço de esquecer o legado crítico do país em formação.

### Vício colonial

É difícil, sofrendo essa modalidade de vício colonial, saber encontrar no vigor da releitura de Marx e Engels uma estética apta a examinar, na obra literária, como "o elemento social se torna fator de constituição da estrutura, não modelo do conteúdo", nas palavras de Antonio Candido. Para isso, o ensaio sobre a estética de Hegel realiza o árduo trabalho de mostrar historicamente o desenvolvimento da estética ao sair paulatinamente de uma perspectiva idealista e a-histórica, passando ao grande avanço do "idealismo objetivo" de Hegel, que começa a abordar a objetividade da obra com valiosas intuições porém ainda do ponto de vista da elevação idealista do espírito, até a "inversão ma-



GYORGY LUKÁCS – Os grandes erros do filósofo não diminuem sua importância

terialista" marxiana, que reconhece o trabalho material real e "o papel da atividade social do homem na gênese e no desenvolvimento da arte".

Esse trabalho de sedimentação dos conceitos dos grandes filósofos da estética, modificando-os e atualizando-os, é a tarefa crítica que devemos hoje fazer com Lukács, já que, simplesmente, não há como pensar a relação entre literatura e realidade sem passar por ele. Portanto, os grandes erros do filósofo não diminuem a inevitabilidade de sua importância, maior do que muita moda teórica atual e politicamente correta. Por isso, o trabalho de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto para a tradução e recepção de sua obra é mais do que bem vindo.

O livro é dividido em duas partes: uma recolhendo artigos sobre história da estética e outra dedicada à teoria marxista dos gêneros literários. A primeira contém um polêmico texto sobre

Nietzsche, publicado em 1935, isto é, em plena ascensão do nazismo, "Nietzsche como precursor da estética fascista". Se o importante filósofo alemão é hoje tão estudado e sua recepção no século 20 é motivo de precisas análises, o artigo impressiona por ser relativamente desconhecido e, no calor da hora, saber apontar a importância da "crítica nietzschiana da cultura capitalista" e provar ter consciência da diferença entre um crítico decisivo da decadência burguesa e o fascismo nascente que seleciona dos seus textos só o que interessa.

### Aristocratismo

Contudo, o nexos entre o repúdio de Nietzsche à democracia, ao movimento operário, evidenciando o lado nostálgico de um aristocratismos suspeito, e o fascismo, é suficientemente bem feito para que o texto de Lukács seja frequentemente ignorado

por antecipar um debate que está na ordem do dia. Basta comparar com a biografia recém-traduzida de Domenico Losurdo para constatar o que há de atual na crítica do filósofo húngaro.

A segunda parte oferece ensaios sobre a sátira, o romance, a lírica e a tragédia. Neles fica claro o seu ponto forte, a teoria dos gêneros, e seu limite: o realismo de figuração, não de escola, não chega a evitar um conceito de realidade que exclui o experimentalismo modernista em nome da manutenção do primado da ação sobre a descrição. A influência dessa concepção causou problemas na crítica literária brasileira até hoje.

Eduardo Guerreiro Brito Losso é professor adjunto de teoria da literatura da UFRJ.

### » Nas livrarias

**Arte e sociedade**  
Gyorgy Lukács. UFRJ.  
268 páginas. R\$ 38